



INTERFACES DO ROMANCE EM JOSÉ DE ALENCAR¹

Monnay Alves Torres Simon*

RESUMO

O presente artigo faz uma breve contextualização do Romantismo no Brasil, destacando alguns fatos marcantes. Comenta-se no que a literatura romântica contribuiu para contexto literário brasileiro, citando seus principais autores, bem como a importância do movimento na produção literária indianista e urbana de José de Alencar, um dos mais importantes escritores do Romantismo no Brasil. Destacam-se ainda autores como Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852) e Castro Alves (1847-1871) devido à importância que os mesmos tiveram através de suas obras durante esse período.

Palavras-chave: Letras. Literatura. Romantismo no Brasil. José de Alencar.

1 INTRODUÇÃO

O Romantismo no Brasil teve seu início e fim, marcado a partir de dois importantes acontecimentos: o primeiro foi o lançamento da Revista **Niterói** (1836), e o término foi marcado pelo ano da morte de Castro Alves (1871).

Então, delimitar uma data de início e fim de um período histórico, não se dá de maneira totalmente completa, uma vez que, de acordo com Roncari (2002, p. 287): apenas “[...] isolamos e investigamos fenômenos dos quais queremos nos aprofundar [...]”. Diante disso, esse trabalho pretende recapitular os fatos que mais marcaram esse período no Brasil.

2 INTERFACES DO ROMANCE EM JOSÉ DE ALENCAR

O presente trabalho objetiva exprimir alguns fatos sobre o Romantismo, que segundo Roncari (2002, p. 288), foi o “[...] período mais importante de tomada de consciência [...]” da

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Letras, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010, sob a orientação da Dra Luzia Aparecida Oliva dos Santos.

*Graduada em Licenciatura Plena em Letras pela UNEMAT em 2010. Cursando a Especialização Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Curso de Letras da UNEMAT/ Sinop (2011/2012).

nossa literatura, pois a partir dele tomou-se conhecimento das particularidades da terra brasileira e também de que não poderíamos mais continuar nos identificando aos ‘europeus’ e já não éramos mais indígenas. Apesar de termos características de ambos, havia criado-se uma identidade, portanto, era chegado o momento de criarmos nossa própria literatura.

Isso se aflorou ainda mais, com a Independência do Brasil em 1822, pois, como afirma Candido (1999, p. 31) “[...] desenvolveu-se cada vez mais a consciência de que a literatura brasileira era ou devia ser diferente da portuguesa, visto que o critério de nacionalidade ganhou o mundo contemporâneo que superou as considerações estéticas [...]”. Dessa maneira, a ruptura com os nossos colonizadores acendeu o pavio que faltava para a criação de uma consciência nacional, que não podia mais ser adiada.

A independência não se deu de forma tranquila, pelo contrário, foi neste momento que veio à mente do brasileiro a necessidade de se questionar com o propósito de descobrir sua identidade, como diz Roncari (2002, p. 288): “[...] somente após a independência que os homens livres brasileiros se defrontaram com uma pergunta crucial a respeito de sua identidade: quem eram? Europeus ou Americanos?” .

Essas perguntas, que surgiram durante o Romantismo, levaram o homem brasileiro a perceber e entrar em contato com o que tinha ao seu redor, e então ele passou a valorizar sua terra, o regionalismo e o nacionalismo. Foi a partir desse pensamento que o índio começou a ser valorizado, deixou de ser visto como um selvagem e principiou a ser notado como homem bom e puro, o habitante do ‘Novo Mundo’. Os elementos presentes no país tornaram-se motivo de orgulho: as riquezas da terra, o espaço, a floresta e o homem nativo.

De acordo com Candido (2007c, p. 114), o Romantismo, “[...] se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses [...]”. Dessa maneira, a literatura brasileira passou a escolher para às suas obras o seu principal elemento, o índio, em seu próprio espaço, com sua cultura e seus costumes.

Além de terem ocorrido essas mudanças, aconteceu também uma aproximação entre Literatura e Política, ambas a contribuir com expansão das criações. Segundo Roncari (2002, p. 291), “[...] tal influência foi possível pela nova importância da literatura na vida social [...]”, dentre os aspectos, baixou-se o custo do papel e foi possível a comercialização de livros e jornais, promovendo assim um aumento das produções literárias. Desse modo, a literatura propagou-se a participar ativamente das questões da época, dos problemas sociais e da tentativa de buscar soluções.

Após a movimentação da Independência, a literatura principiou a tratar da organização da nação, através dos meios de formação de opinião, pois, como afirma Roncari (2002, p.

294) “[...] a literatura esteve presente nos principais meios de formação de opinião: nos jornais, nos púlpitos, e nas tribunas políticas”.

Essa participação proporcionou às novas produções, maior divulgação, uma vez que, expandiu-se a capacidade de expressar o olhar para o futuro, deixando para trás os hábitos de Portugal, pois suas obras retomavam sempre o passado.

Como se pode notar, o Romantismo instigou a evolução do país, esteve presente nos órgãos de difusão de informação, proporcionou a descoberta e a valorização de diferentes culturas e religiões, entre outras. O tempo e o espaço nas obras passaram a ser representados nos momentos históricos do próprio país, as personagens começam a ter traços de pessoas da sociedade da época.

Afirma Roncari (2002, p. 300), “[...] enquanto visão de mundo, ele viverá um processo de ajuste e adaptação [...]” tanto é que, os que foram considerados os melhores autores da época foram os que souberam se adaptar ao novo olhar e perceber as inúmeras riquezas que estavam à disposição para fortalecer a produção literária.

A busca da originalidade, um importante elemento do Romantismo, tornou-se seu grande diferencial e vantagem diante das produções europeias que se encontravam esgotadas dos mesmos modelos que seguiam. Em contrapartida, os brasileiros encontravam-se cheios de novidades e entusiasmo com as descobertas, de suas peculiaridades.

A respeito do Romantismo, Coutinho (1990, p. 167) diz que: “[...] mais do que um movimento literário escrito, foi antes e acima de tudo um estilo de vida, nacional, todo o povo tendo vivido de acordo com suas formas, e sentido, cantado, pensado de maneira idêntica, procurando afirmar, através dele a sua individualidade e a alma coletiva”.

Percebe-se, então, que o Romantismo mostrou a face do brasileiro, fez com que se encontrasse e se descobrisse num movimento espontâneo, não mais baseado nos modelos impressos pelo colonizador.

Atenta-se, também, para três importantes autores deste período de forma bastante breve, como figuras que não se pode deixar de citar, devido à importância dentro do Romantismo: Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852) e Castro Alves (1847-1871), além de José de Alencar, tomado para estudo neste trabalho.

Na produção de Gonçalves Dias, de acordo com Roncari (2002, p. 316) “[...] encontramos plenamente realizadas duas das principais características da poesia romântica: a expressão lírica do ‘eu’ e o canto da terra e dos indígenas brasileiros, que a história literária convencionou chamar de ‘poesia indianista’ ou simplesmente ‘indianismo’”.

Dessa forma, ele retratou em sua obra, provavelmente o que o índio talvez sentisse diante da invasão que acontecia em seu mundo, usando o que aprendera entre eles, com o intuito de mostrar a suposta perspectiva do indígena, de acordo com a visão do escritor.

Abaixo uma demonstração de sua obra, um fragmento do poema **Conto do Piaga** (DIAS apud, RONCARI, 2002, p.324) em que é notado o olhar do indígena ao presenciar a chegada dos portugueses:

Esse monstro... – o que vem cá buscar?
Não sabeis o que o monstro procura?
Não sabeis a que vem, o que quer?
Vem matar vossos bravos guerreiros,
Vem roubar-vos a filha, a mulher!...

No fragmento é possível notar que o eu lírico conseguiu reproduzir o ponto de vista do índio, sua preocupação com o “monstro”, referindo-se ao português. É percebido, também, que o branco traria o mal para o índio, além de lhe roubar o que tinha de mais precioso, como sua família, seus costumes e sua língua.

Além desses elementos, sua produção, trouxe, também, a representação do ambiente, que pode ser visto em **Canção do Exílio** (1843), no qual o homem exilado na Europa descreve sua pátria e sente falta das belezas de sua terra.

Castro Alves, clamado ‘príncipe dos poetas’, teve papel fundamental no Romantismo. Segundo Sodré (1988, p. 309), “[...] em Castro Alves existe tudo o que o Romantismo podia apresentar de grande. A sua poesia salva a escola de perder-se na monotonia superficial e amorosa, sem profundidade e sem grandeza [...]”, isso porque ele foi um autor de obras contendo temas polêmicos na época, como a escravidão, o progresso, a liberdade e a tirania. Ainda que falasse de amor, sua expressão afastou-se da geração byroniana, como se pode ver:

Em Castro Alves, o amor transcende as condições sociais as particularidades raciais da mulher que ama. Ama-se, parece dizer a sua poesia, e o amor existe sempre no presente; mesmo quando é coisa do passado, surge como presente na memória. Assim, o poeta cria uma cena amorosa, muitas vezes na alcova, para falar do amor. (RONCARI, 2002 p. 485).

Dessa maneira, ele foi um poeta popular e contrariamente aos românticos, não se fixou no ‘eu’, mostrou-se um homem ciente dos conflitos de seu tempo ao retratar questões políticas e sociais do país. Foi somente com ele que a mulher deixou de ser um ser divino e passou a ser uma mulher de carne e osso, sensual e individualizada como é possível notar no trecho do poema **A Atriz Eugênia Câmara**: “Mulher, Mulher, aqui tudo é volúpia” (ALVES apud

RONCARI, 2002, p. 480) em que demonstra que as virgens idealizadas não eram algo totalmente único na representação da mulher.

Outro autor relevante é Álvares de Azevedo, que segundo Bosi, (2006, p. 110) “[...] foi o escritor mais bem dotado de sua geração [...]”, que usou dos elementos cotidianos em suas obras, para retratar as grandes idealizações românticas, como a morte, a fuga da vida real para o mundo dos sonhos e a mulher idealizada, sensual e inacessível.

Candido (1999, p. 38) afirma que: “Na sua poesia há um lado sentimental que não se eleva muito acima dos chavões correntes na época.”. Dessa maneira, o forte sentimentalismo e o pessimismo é algo muito presente nas produções dessa fase do Romantismo, em que a morte era uma espécie de cansaço da existência, um tédio. De natureza frágil, passou a maior parte da sua vida se dedicando aos estudos e sua genialidade só foi conhecida após a sua morte.

Feitas as breves apresentações, passaremos para José de Alencar, figura que sobressai no período, como afirma Coutinho (1990, p. 153), “[...] o patriarca da Literatura Brasileira [...]”, defensor dos temas e motivos brasileiros, sobretudo dos indígenas.

Alencar foi um autor diversificado, produziu obras que caíram no gosto popular, pois sua diversidade permitia a apreciação de vários grupos. Candido (2007, p. 222-225) aponta para a existência de três Alencares: “[...] o Alencar dos rapazes, heroico, altissonante; o Alencar das mocinhas, gracioso, às vezes pelintra, outras quase trágico [...] e o Alencar que se poderia chamar dos adultos, formado por uma série de elementos pouco heroicos”.

Com essa metáfora, Candido mostra que, em cada período de suas produções, Alencar foi diferente. Quando produziu obras contendo índios valentes, heróis puros e corajosos, como o personagem Peri, por exemplo, é o Alencar dos mocinhos.

Nas obras mais sentimentais, com donzelas ingênuas, e mocinhos bons, com um pequeno conflito que os ameaça, mas que não os separa, ou ainda, o orgulho visto em **Diva** (1864), é o Alencar das mocinhas.

E nas obras com temas profundos, nas quais existem situações menos elegantes, ou ainda temas em que a mulher e o homem de alguma forma chegam a um nível de igualdade, temos o Alencar dos adultos, como por exemplo, em **Senhora** (2002).

Sua obra pode ser dividida em quatro grupos: Romance Histórico, Romance Regionalista, Romance Indianista e Romance Urbano. No Romance Indianista, foram três obras que deram maior destaque à produção de Alencar: **O guarani** (1857), **Iracema** (1865), e **Ubirajara** (1874). Neles são encontrados o indianismo que revela o nacionalismo e a

elevação da natureza e da pátria, como também, a presença histórica, como nos dois primeiros romances citados, em que Alencar mistura elementos reais com fictícios.

De acordo com Bosi (2009, p. 189) “[...] o que marca o indianismo de Alencar é a inclusão do selvagem nessa esfera de nobreza, na qual cabem sentimento e devoção absoluta”. Bosi se refere à devoção de Peri a Ceci, personagens da obra **O Guarani** (1857), em que este tinha total devoção pela filha do senhor Antonio Mariz, e aceitou ser batizado para poder salvá-la.

Em seu romance indianista, conforme Santos (2009, p. 176), “Alencar teceu o índio ideal. Enalteceu-o, deu-lhe forma e o ajustou tão livremente em seus textos, que foi motivo de questionamento frente às suas características.” Fazendo isso, chamou a atenção do leitor para o índio, fazendo-o encantar-se com aquele ser alegre, bom e puro. E ainda, retratou o índio destacando seus primeiros contatos com a civilização portuguesa colonizadora.

Outra obra, que não se pode deixar de comentar é **Iracema** (1865), na qual Alencar “[...] molda a língua importada dos europeus pelo viés da singeleza primitiva, configurando na personagem feminina, Iracema, os traços de uma guerreira, defensora de sua etnia e copartícipe da fecundação do povo a partir da fusão do sangue do colonizador, com o qual o contato é inevitável” (SANTOS, 2009, p. 152).

Dessa forma, em **Iracema** (1865), Alencar mostrou a retratação da mulher índia diante do branco colonizador, isto é, por meio do romance acontece o nascimento do nativo brasileiro, representado por Moacir, filho de Iracema e Martin, o primeiro cearense.

No Romance **Urbano** é retratada a sociedade carioca do Segundo Reinado, o materialismo, a corrupção, os costumes da burguesia da época e os aspectos negativos da vida urbana. Os romances giram sempre em torno de diferenças econômicas e das tramas de amor, isto é, da situação familiar e social da mulher diante do casamento, geralmente imposto pelos pais. Mas, as heroínas de Alencar protestam contra o casamento por conveniência, defendem o direito ao amor e à liberdade e tudo acaba bem em suas narrativas.

O grande tema do romance urbano é o amor romântico, que transforma a conduta de caráter e sempre vence as diferenças sociais. Segundo Candido (1999, p. 47), nesse tipo de romance, “Alencar denota a capacidade de analisar personalidades em confronto com as condições sociais, entrando pelo estudo da prostituição e da venalidade matrimonial com uma força desmistificadora que era novidade na literatura brasileira do tempo”. Essas personalidades em questão são as mulheres de suas obras, que vivem conflitos incomuns e que, de alguma forma, acabam explicitando o lado obscuro da sociedade capitalista da época.

Os romances produzidos por Alencar, além de retratar a sociedade carioca, traziam também elementos problemáticos, como diz Candido (1999, p. 226), “[...] problemas de desnivelamento nas posições sociais”. Esses níveis desiguais são os fatores que interferem na afetividade de suas personagens, como acontece em **Senhora** (2002), que mostra a questão de forma mais profunda, por meio da posição de cada um dos personagens em relação ao dinheiro.

Esses problemas causam diferenças de comportamento, de atitudes, e isso pode ser notado no posicionamento dos galãs de suas obras em relação às mulheres, pois, como afirma Candido (1999, p. 228), “[...] os seus galãs nunca enfrentam as heroínas no mesmo terreno [...]” uma vez que esses ou tratam as heroínas como seres superiores ou não se aproximam delas, conseguindo de alguma forma se esconder.

Em sua obra encontra-se, também, a desarmonia, que é a luta do bem e do mal, seja em lutas interiores como acontece em **Diva** (1864), em que a personagem trava uma batalha dentro de si mesma, entre o orgulho e o sadismo, ou no caso da perversidade de Loredano, em **O Guarani**, obra indianista.

É possível dizer que Alencar teve muitas faces, produziu obras de muito valor, mas o que marca sua passagem pela Literatura Brasileira mesmo foi o seu Indianismo. Com ele, pela primeira vez, teve-se um herói brasileiro, o índio, o herói natural. Mesmo assim, não se pode deixar de apreciar as demais obras com elementos inspiradores, que fazem o leitor se indignar diante de seus temas urbanos e atitudes da sociedade de então.

5 CONCLUSÃO

Esse trabalho possibilitou recapitular fatos importantes do Romantismo no Brasil, seus principais acontecimentos e dialogar com teóricos conceituados que proporcionaram novos olhares referentes à literatura produzida nesse período.

Proporcionou ainda perceber que somente quando o Brasil se desligou de Portugal foi que deu-se o desenvolvimento da literatura no país, pois foi a partir daí que passou-se a valorizar os elementos da própria terra, foi quando o tempo e o espaço passaram a ser representados dentro da própria história do país.

Foi possível também rever a importância de autores como: Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Castro Alves e José de Alencar, citando alguns trechos de suas obras e características de suas literaturas, para fins de maior detalhamento do período de transformação vivida por esse momento. E por fim, destacar José de Alencar citado como ‘o

pai' da literatura no Brasil devido a sua grande contribuição com seus romances urbanos e indianistas.

INTERFACES OF ROMANCE IN JOSÉ DE ALENCAR

ABSTRACT²

This article is a brief background of Romanticism in Brazil, highlighting some important facts. It is about how the romantic literature contributed to the Brazilian literary context, mentioning its main authors, as well as the importance of the movement in the indianist and urban literary production of José de Alencar, one of the most important writers of Romanticism in Brazil. It is also worth emphasizing authors like Gonçalves Dias (1823-1864), Álvares de Azevedo (1831-1852) and Castro Alves (1847-1871), due to the importance they through their works during that period.

Keywords: Languages. Literature. Romanticism in Brazil. José de Alencar

REFERÊNCIAS

BOSI. Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 44.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. **Dialética da colonização**. 4.ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

CANDIDO. Antonio. **Iniciação a Literatura Brasileira**: resumo para principiantes. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 1999.

_____. Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos 1750-1880. 11.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 17.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

RONCARI, L. **Literatura brasileira**: dos primeiros cronistas aos últimos românticos. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2002.

² Transcrição realizada pela aluna Monnay Alves Torres Simon e revisão pela aluna Vanessa dos Santos Scarranaro, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da Indianidade na Literatura Brasileira: Matizes da Figuração.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura inglesa para brasileiros: curso completo de cultura e literatura inglesa para estudantes brasileiros.** Rio de Janeiro: Moderna, 2005.

SODRÉ, N. W. **História da Literatura Brasileira: seus fundamentos econômicos.** 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.